

---

## AS PESSOAS FELIZES: FLORA E SÍMBOLO

MARIA HELENA PADRÃO  
PROFESSORA  
UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

This is an analysis study of the novel *As Pessoas Felizes* from Agustina Bessa-Luís which tries to find the symbol, this seen as in the space of the human relationships so we have tried to make a search of the flora we can find in the novel. From this study onwards we have tried to establish some relationships, whose objective is to understand that the human being, no longer possesses the innocence stadium, he goes through a long way and is maculated, little by little, by education, environment, heritage and even, by is one psychism.

*As Pessoas Felizes* é um romance que fala do homem e das relações humanas, da insatisfação e da euforia, onde se inscrevem intercepções espaciais, temporais e simbólicas. Cada personagem é o repositório de um saber que é já passado mas que também é futuro porque nela se inscreve o espaço de ser.

Difícil se torna a transparência quando se está perante um metatexto e quando este é o texto de Tolstoi que instaura uma outra visão do mundo que pode ser idêntica mas que não é a mesma.

Não é nossa intenção explorar aqui as correlações entre o texto agustiniano e o texto tolstiano, mas estabelecer as conexões entre a flora e a assumpção/configuração das personagens.

Em *As Pessoas Felizes*, Agustina capta a luminosidade do mundo e, perante o esplendor deste mundo que se deixa ver, surge como irrelevante a forma como o mundo se hierarquiza ou se harmoniza, daí ser a visão o espaço privilegiado, visão que se assume como tacto ou como olfacto num processo sinestésico. É a festa dos sentidos que instaura o mundo do símbolo. A noção de símbolo serve, pois, para revelar um destino que nem sempre se configura no concreto.

Começaremos pelo texto inicial que toma a feição de uma mantra. Mantra é um texto concebido para funcionar como um símbolo de comunicação com o cosmos.

*"Forme rituelle sonore, dont la récitation a le pouvoir de mettre en jeu l'influence spirituelle qui lui correspond."*(CHEVALIER e GHEERBRANDT, 1988: 610)

Esta mantra vai, no final do romance, repetir-se e configurar a verdade da vida, porque de forma lúcida, Agustina advertia, desde o início: *“Quem conservar este sentimento pela vida fora está predestinado a um triunfo, talvez um tanto sedentário, mas que tem o seu reino no coração das pessoas.”* ( P. F.p.7)

A acção tem o seu *incipit* em Casal Pedro *“nos lugares populosos do rio Ave”* e no seio da família Torri. Ressalta de imediato a figura da mãe de Nel, Glória Torri que parecia uma *“dessas flores carnívoras...”* ( P. F.p.8) e que vai ter um destino particular, pois quando pressente a tragédia financeira e o desmoronar das platitudes e dos sócio-rituais que o casamento com Manuel dos Passos Pereira lhe grangeara, sucumbe, *“envenenou-se com sal de azedas, do que tinha para tirar nódoas da roupa branca”*.

Mas, apesar da Senhora Torri ter sucumbido tão depressa, a vida em Casal Pedro trará sempre a Nel a imagem do refúgio. É um espaço de aconchego que se revela no seu símbolo, a flora. *“Os Torri viviam numa propriedade ... com ramadas de uva morangueira e bouças magníficas onde borbulhava uma água invisível (...) cultivava-se o milho e...”* ( P. F. p. 10)

A flora povoa este espaço e oferece-se como símbolo de outras realidades. O milho é a expressão do Sol, do Mundo e do Homem (...) *“Il est le symbole de la prospérité, considéré dans son origine: la semence”* (CHEVALIER e GHEERBRANDT, 1988 : 603 ).

É também um espaço onde *“as brincadeiras de Verão decorriam naquelas matas onde derrubavam os ramos as austrálias ...”*, ( P. F.p.12) e a austrália está aqui como símbolo da justiça, da equidade e da verdade, tal como está também expressa, através das tulpas, a faceta pretensiosa dos Torri *“... a casa dos Torri, espécie de palacete pretensioso com faixas de tulpas amarelas em toda a volta ...”*. (p. 22)

Informa-nos o narrador que: *“A primeira figura desta narrativa parece ser Nel. É uma espécie de pítia para burgueses, e o segredo da sua vida estava numa única força: o confronto das paixões com aquilo que as define, e que é o medo”*. ( P. F.p.153)

Casal Pedro e a sua flora são o símbolo de Nel. Já falámos do espaço que ele representa para Nel mas há ainda a visão do seu mundo interior. *“pulando as poças de água onde se espelhavam os lívidos plátanos (...) cheirava a terra quente ... a tojo”* (p. 17). A inocência, de mistura com a

lógica das coisas dava a Nel essa imagem da emancipação dos sentimentos e dos afectos: *"Nel deu uma volta ao jardim antes de entrar em casa ... magnólias rosa ... árvore de cânfora ... cestos de vime"* (p. 19). Está-se em presença da pureza das relações humanas que se configuram no par Eneida/Nel pois que a cânfora traz consigo *"le pouvoir de sublimation ... de subtilité ..."* (CHEVALIER e GHEERBRANDT, 1988 :161). Este é o espaço onde a erva cresce e onde é possível *"apanhar erva"* ( P. F.p.21) que é o símbolo do poder curativo e revitalizante. É também o espaço onde crescem os limoeiros e as laranjeiras e, se a laranja é símbolo de fecundidade, a laranjeira associa ainda o símbolo da virgindade transportada através da sua flor.

Casal Pedro perdurará através do perfume que aí habitava e que se associa novamente a outras sensações, entre as quais se podem destacar, a térmica através dos vocábulos "quente", "sol" e "inverno", a táctil que vem associada a "aveludado" e a visual presente em "uva moranga", "amoras" "digitálias", "camélias" etc. :

*"Nas ramadas baixas, o cheiro da uva moranga era aveludado e quente (...) As amoras espalhavam um cheiro imperceptível, morto, de sol reído (...) As digitálias (...) O aroma angélico das camélias singelas marcava a chegada do Inverno" ( P. F.p.24).*

Nel e Eneida perderão para sempre este espaço físico mas é na memória dele e do seu perfume que encontrarão alento para a vida, porque apenas aí fora possível harmonizar a visão, o olfacto e o tacto. *"Nel e Eneida levantavam a lentilha verde com os pés sentados na pedra quente"* (P. F.p.31). Tudo iria acabar tal como o anunciara a primeira flor de japoneira *"Nel reparou que a primeira flor de japoneira abria como um floco entre a folhagem brilhante. Era Inverno"* ( P. F.p.36 )

Na tradição cristã o Inverno simboliza a desgraça, a infelicidade, a dor, o irremediável e irreversível fracasso e, de facto, se aqui ele é símbolo do desmoronamento da vida em Casal Pedro, da morte da mãe de Nel, do desfazer da família Torri, é também o símbolo da perda irreversível do paraíso, da fertilidade, da infância.

*"Não voltaria a Casal Pedro nem às suas bouças silenciosas, medievais, onde cresce o roço alto entre o qual vão partir as ovelhas, milagre silvícola para as crianças que andam a guardar o rebanho e triscam castanhas." ( P. F. p.39).*

O Inverno traz consigo outros tormentos noutros momentos do romance: *"Já quando o Inverno ia acabar, Nel foi abalada por uma notícia que veio em todos os jornais e que relatava a morte do capitão António"* (P. F.p.135).

Como uma espécie de texto dramático, vamos assistir à mudança da acção e de cenário como se de um segundo acto se tratasse. "A casa dos Carrancas (...) Tinha algumas árvores de grande porte, japoneiras altas e desmanteladas cujas flores melavam antes de abrir (...) nos canteiros nasciam cálices roxos todas as primaveras" ( P. F. pp. 43,44) e havia o baloiço onde Nel se embalava quando tinha de tomar qualquer decisão importante. A árvore é talvez o elemento mais simbólico, no entanto, registaremos o poder de simbolizar a imagem cíclica da evolução cósmica.

A chegada de Nel veio acompanhada do mistério da vida pois, "Quando Nel chegou nasceu João Vicente" e quando ela o viu "O menino Carranca estava dentro seu berço como dentro dum repolho frisado" (P. F. pp. 48,49), mas a presença de Nel nesta casa constituiu um foco de perturbações, pois: "o que faz as pessoas felizes é não terem vida interior, a vida privada raramente coincide com a vida interior" (P. F. p. 131). Com Nel as pessoas não podiam deixar de ouvir a voz do inconsciente, facto que a tornava um elemento incómodo. "No geral tratava-se de indivíduos organizados até à paralização de toda a descoberta interior..." ( P. F. p. 117).

Nel "aos doze anos fora qualificada como desnaturada e sujeita a grandes crises de malignidade. Esse seu carácter, que aliás alternava com períodos de morosidade e indiferença, conservou-se intacto até aos dezoito anos" ( P. F. p. 51). A relação que estabeleceu com a sua prima Eneida dera-lhe a visão dicotómica em que a vida se processa. Eneida, por força dos maus tratos da vida, estava votada ao triunfo porque "O mundo para ela era um campo de treinos onde se tratava de ganhar, mais do que competir" ( P. F. p. 30). A pobreza era para ela um espaço aonde nunca mais desejaria voltar: "Vivera em casas cuja mediocridade era mais do que pobreza, vivera com um vaso de aspidistra de aluguer e um guarda-fato vazio" ( P. F. p. 107).

No dia em que Nel fez quinze anos ninguém se lembrou dela mas foi presenteada com a visita de uma pomba que entrara subitamente na mansarda arrulhando e inscrevendo a imagem de um bom presságio que é corroborado pelo mestre Dinis, o professor de Desenho, quando lhe diz: "Pensar é um ofício para os pobres. Goze a vida, conheça gent bela, cultive alcachofras, coisas pouco substanciais." (P. F. p. 131). Esta afirmação desiludira-a porque Nel prescrutava o sentido íntimo das coisas, porque Nel se sentia atraída pela imagem do absoluto e o que ele lhe propunha era a imagem do transitório. É por esta altura que surge Nel integrada num triângulo amoroso, constituído da seguinte forma:



Como se pode observar, as relações que se estabelecem são improcedentes pois se situam no campo da virtualidade. A relação de Nel com o primo Leonel não podia ser correspondida porque, no impulso que a arrastava para ele, ela sentia já a sua des-realização. *"Durante todo esse Inverno, Nel amou o primo. Imaginou-se sua namorada e sua amante; mas, na verdade, nunca o consentiu como algo de definitivo na sua vida"* ( P. F.p. 78).

Todos estes pressupostos terminam no dia em que Nel conhece Francisco de Sousa Barros *"um rapaz com cultura, sentimentos e boa fortuna"* ( P. F.p. 84) que vivia na Casa do Sacramento. Voltamos a assistir a uma mudança *"A Casa do Sacramento estava implantada sobre a ribanceira de Massarelos ..."* ( P. F.p. 84), mas toda a acção se bifurca agora em dois espaços *"Bonifácio e Francisco tinham perto de Moira Morta uma vinha (...)* Havia lá grandes matas sujeitas a incêndios e nelas crescia o medronheiro e a austrália" ( P. F.p. 85).

A dualidade dos espaços vai trazer consigo a conquista de um espaço de liberdade que Nel e Maria Rosa vão disfrutar. É o tempo em que surge a figura do poeta Delfim de Jesus Maria que aplaude o casamento de Nel com Francisco. Apesar da poesia, Nel pisa o terreno da lucidez que sabemos através das palavras de Maria Rosa: *"Casas-te porque é a única maneira de não andarem atrás de ti a fazerem-te perguntas obscenas"* ( P. F.p. 87). Nel vai deixar a casa de cinco andares da rua de Cedofeita e a partir de então o casal Coelho de Sousa vai sentir a desagregação. A mudança faz-se, sentir não apenas ao nível familiar mas também ao nível do país. A saída de Nel é o símbolo dessas transformações profundas:

*"Mas a mudança andava no ar, enquanto tudo parecia minuciosamente preservado. Quando Nel tinha pouco mais de dezoito anos, ouviu, ao cair da noite, a declaração pública do Presidente do Conselho sobre a invasão de Índios Portugueses (...) A primeira noção de mudança foi dada pelos burgueses que se emancipavam do lar, graças aos mesteres novos e à sua entrada na vida pública"* ( P. F.p. 143).

A Casa dos Carrancas vai sofrer a mudança: a morte da tia Florinda e do espaço que ela preenchia; a saída dos filhos para Lisboa e das filhas para as suas vidas díspares. Depois, a vida volta a cumprir-se com a chegada de outros seres que perpetuam a geração. *"Eles eram os Bovarys"*

*desenganados das suas profissões do sexo e da utilidade de todas as convenções;*" ( P. F.p. 106). A vida retoma o seu ritmo e instala-se nas relações humanas que são sempre estabelecidas na e pela palavra, tal como no princípio, segundo reza a tradição ocidental: *"no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus (...) O Verbo fez-se carne e habitou entre nós (...) cheio de graça e de verdade"* (Bíblia Sagrada). Porque a palavra inaugura as relações humanas e aí começa a dispersão, dispersão que é símbolo da criação, entendida esta na fragmentação da unidade da natureza, daí a variedade dos símbolos que falam dessa multiplicidade que é necessário aceitar para que não se instale a tragédia.

A natureza e as personagens de *As Pessoas Felizes* comunicam através dos símbolos e dizem coisas que outra forma poderia limitar. *"O jardim deu-lhe um súbito receio, tão branco de nevoeiro despedindo a noite (...) e distraiu a atenção para outra coisa. Casal Pedro, a casa do meio do jardim e as magnólias cor-de-rosa, a folha das figueiras que exalavam calor. Era doce viver ... com Eneida"* ( P. F.p. 99).

Terminara o tempo da abundância que a figueira simboliza e apenas consegue ser recuperado através da memória que traz já o efeito do tempo que passa e que empresta a serenidade ao tormento. *"Era doce viver ... com Eneida"*, mas agora outros seres se cruzam na galeria que é a vida e, Marta, a mais nova dos Carrancas era *"amarga como o absinto (...) ia-se tornando inabitável"* ( P. F.p. 198) . Marta transporta o absinto como seu símbolo e instala a ausência de doçura porque *"symbolize la douleur, principalement sous la forme de l'amertume..."* e do ponto de vista interior pode até dizer-se que o absinto simboliza *"une perversion de la pulsion génétique, une corruption des sources, les eaux devenues amères"* ( CHEVALIER e GHEERBRANDT, 1988 :4).

Ao mesmo tempo, outros seres vão também transportando os símbolos daquilo que termina e que não é recuperável:

*"Delfim inculca-lhe os seus estreitos conceitos teodemonistas e ambos, no jardim ou na galeria onde os filodendros se cobriam de pó, passavam as tardes numa boémia de platitudes, falando de sintomas nervosos e convertidos àquela aura de pederastia intelectual em que a amizade deles se equilibrava"* ( P. F. p. 207).

Há, como se pode ver, uma visão pessimista do mundo das relações humanas que tem o seu espaço de eleição na infância, concebida esta positivamente, como a imagem da inocência, ao contrário do que pensava Santo Agostinho nas Confissões *" Fui concebido na iniquidade...foi no pecado que a minha mãe me trouxe...onde então senhor, onde e quando fui inocente?"* (BADINTER, 1980:70)

90

A partir da infância, as relações humanas configuram uma outra realidade, mais agreste que só permite a existência daqueles que aprenderam que a perda da infância é irreversível, mas que a guardam na memória como o símbolo do aconchego: "*Há muitas coisas belas na terra, mas nada iguala a recordação de um dia de Verão que declina, e temos onze anos etc. etc.*" (P. F.p.207)

Agustina oferece, neste romance, um tratado sobre a vida, a imagem desenganada e crua do ser humano que, para além de cumprir o ciclo vital é progressivamente contaminado pela educação, pelo meio, pela hereditariedade, mas também pelo seu próprio psiquismo que contém a razão mas também o imponderável.

"Exceptuada a mente, nada em mim há que seja solitário e absoluto, e havemos de descobrir que a mente por si só não existe, que não passa de um cintilar de sol na superfície das águas. (LAWRENCE, D. H., 1993, :125)

**BIBLIOGRAFIA**

BADINTER, *L'Amour en plus - Histoire de l'amour maternel (XII-XX siècle)*. Paris, Flammarion, 1980

BESSA-LUÍS, Agustina, *As Pessoas Felizes*. Lisboa, Guimarães Ed., 1975

*BÍBLIA SAGRADA*, trad. de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro, 1965

CHEVALIER e GHEERBRANDT, *Dictionnaire des symboles*. Paris, Ed. R. Laffont e Ed. Jupiter, 1982

**196** LAWRENCE, D. H., *Apocalipse*. Lisboa, Hiena, 1993